

ANÁLISE DE DISCURSO: BASE TEÓRICA E MÉTODO

João Paulo de Oliveira.¹

Resumo:

Este artigo pretende fazer uma abordagem teórica no que se refere a constituição histórica e constituição como ciência referente à Análise de Discurso francesa que possui como fundador do campo teórico Michel Pêcheux. Posteriormente este artigo além de abordar os conceitos teóricos que emergem a teoria do discurso, preocupa-se em discutir os procedimentos metodológicos que problematizam a pesquisa do analista, uma vez que o processo metodológico parte da própria construção teórica diante a análise.

Palavras chave: Discurso, método, história.

1. Introdução

Sabe-se que, desde a Grécia Antiga, que o homem se preocupa com o estudo da linguagem. Um dos exemplos clássicos é o de Platão que, em sua obra, *Crátilo*, observa a problemática do convencionalismo e do naturalismo. Além do problema levantado, outra questão é trazida por Aristóteles, no *Tratado de Interpretação*, ao abordar que os signos podem variar conforme a sociedade.

No entanto, no que se refere à história da linguística é necessário fazer um recorte a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*, publicado pelos “dois discípulos Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye, das notas de três cursos que Saussure deu na Universidade de Genebra entre 1906 e 1911” (MARCONDES, 2010, p. 89) que, segundo Pêcheux “pode ser considerado (...) como uma tentativa antipositivista (...) sobre qual o pensamento entrecruza toda a linguagem e a história” (PÊCHEUX, 2015, p. 44). Após a publicação desta obra de Ferdinand Saussure, o estudo sobre a linguagem começou a ganhar novas referências sobre língua, e foi, desse modo, “que os estudiosos começaram a se interessar pela linguagem de uma maneira particular que é a que deu origem à Análise de Discurso” (ORLANDI, 2013, p. 15).

¹ Aluno do Programa Mestrado Acadêmico em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Orientado pelo Prof.Dr.Marlon Leal Rodrigues. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Membro do Núcleo de Análise de Discurso de Alto Araguaia Mato Grosso (NEAD-AIA).

Na maioria das vezes, a linguística é apresentada como a ciência que estuda a linguagem. No entanto, existem diversas áreas que se interessam pela linguagem é o que nos faz perceber Martelota que em seu campo de estudo estabelece a diferença que há entre a linguística e outras ciências. Neste sentido, é interessante desenvolver o conhecimento que se possui dos dois conceitos, a língua e a linguagem. É comum se empregar o termo linguagem a qualquer forma de comunicação ou ainda:

Para referir-se a qualquer processo de comunicação, como a linguagem dos animais, a linguagem corporal, a linguagem das artes, a linguagem da sinalização (...). (...) constitui um instrumento que possibilita o processo de comunicação entre os membros de uma comunidade (MARTELOTA, 2015, p. 17).

No processo de comunicação, por exemplo, pode-se dizer que as línguas naturais, português, inglês etc., constituem-se como formas de linguagem. Ao passo que a linguística se interessa pelo estudo da linguagem verbal. Já o conceito de língua, segundo Alkmim, “o interessante para Saussure, é que a língua é um fato social, no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social” (ALKMIM, 2001, p. 23). E desta forma, o referido linguista define a língua em oposição à fala, como objeto da linguística. Nessa ótica, Saussure define a língua: “Ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Já para Análise de Discurso, a compreensão da língua é trabalhada “enquanto simbólico” a constituição do “homem em sua história” (ORLANDI, 2013, p. 23). Por outro lado, a Análise de Discurso “concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2013, p. 15). Portanto, para esse autor, o homem sempre foi seduzido pela linguagem, como o exemplo clássico dos pensadores da Grécia Antiga que travaram grandes discussões “para saber se as palavras imitam as coisas ou os nomes são dados por sua convenção” (ORLANDI, 2013, p. 8).

Como mencionado anteriormente, a partir da criação da linguística por Fernand Saussure, começou-se a esclarecer para o homem os significados das manifestações da linguagem tendo em vista o desenvolvimento do “círculo linguístico” (ORLANDI, 2013, p. 34). Desta forma Pecheux:

não envolva de forma alguma a “superação” da dicotomia língua/fala, Saussure é, para ele, o ponto de origem da ciência linguística. A seus olhos o deslocamento da língua é um adquirido científico irreversível. O essencial daquilo que, nos termos da epistemologia da época, ele chamará de “corte saussuriano” reside na ideia de que a língua é um sistema. (MALDIDIER, 2003, P.22)

Além disso, o desenvolvimento da teoria saussuriana possibilitou o surgimento da Análise de Discurso e de outras áreas de pensamento como ciências: a Fonética, Linguística Aplicada, a Sociolinguística, entre outras. Começou, nesse viés, a instaurar uma nova forma no que se refere este contexto sociocultural e da comunidade de fala, examinando as condições em que a fala era produzida, de acordo com Bortoni.

A análise de discurso de linha francesa conhecida atualmente surgiu na década de 60, período marcado por diversas transformações políticas e crises econômicas. Época também da “Guerra Fria” (1945-1991), e do aparecimento de diversos movimentos sociais na França que defenderia as classes mais oprimidas da sociedade. Na década aludida, aparecem também os estudos da Análise do Discurso tendo como propulsores Voloshinov e Pêcheux”, (RODRIGUES; TAFARELLO, 2013, p. 60), cujas práticas consistiam, em princípio, colocar em suspenso a interpretação, “já que todo fato já é uma interpretação” (PÊCHEUX, 2015, p. 44).

Análise do Discurso sustenta-se ainda hoje sobre o tripé multidisciplinar marxismo, psicanálise e linguística. Desta forma, interroga a língua pela sua falta de transparência e “pressupõe o legado materialismo histórico” (ORLANDI, 2013, p. 19), devido à ausência de conhecimento histórico do próprio homem, a história também não é transparente ao homem e, assim, demarca o simbólico pela psicanálise. Esse é o modo da Análise de Discurso trabalhar, articula-se no entremeio dessas grandes áreas, quebrando paradigmas em sua constituição quanto ciência através de seu objeto que é o discurso.

1.1 Análise de discurso

Para efeito de estudo, é necessário distinguir a diferença que há entre a análise de conteúdo e a análise de discurso, nas palavras textuais de Orlandi:

A análise de conteúdo, como sabemos, procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: o que este texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado (ORLANDI, 2013, p. 17).

Portanto, a Análise de Discurso, procura compreender o texto em sua produção de sentidos. Como já vimos no tópico anterior a Análise de Discurso foi se constituindo em outros “espaços” (PÊCHEUX, 2009). Espaços estes que se dão sobre o domínio de três disciplinas “Linguística, o Marxismo e a Psicanálise” (ORLANDI, 2013, p. 19). Pensando dessa maneira, a Análise de Discurso

preocupa-se com a língua materializada, e passa a entender como o discurso é constituído e distribuído na sociedade, além de se preocupar como os falantes falam, isto tudo sem intervir na sua condição de produção. Neste aspecto, a Análise de Discurso:

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca a Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2013, p. 20).

A Análise de Discurso articula o conhecimento histórico, o materialismo, a psicanálise e a ideologia: “Constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu novo conjunto: este novo objeto é o discurso” (ORLANDI, 2013, p. 20).

2. O discurso

Utilizando as palavras de Eni P. Orlandi: “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso de correr por, de movimento (...) é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa o homem falando” (ORLANDI, 2013, p. 15). Ainda usando mais uma definição dessa autora: “o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito” (ORLANDI, 2008, p. 56).

Desta forma, a noção de discurso, diferentemente do esquema de comunicação formada por emissor, receptor e mensagem, que trata “apenas de transmissão de informação”, (ORLANDI, 2013, p. 21) ao passo que o discurso para a Análise de Discurso está “realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso” (ORLANDI, 2013, p. 21).

Portanto, para a Análise de Discurso, o discurso não é apenas um processo de comunicação, bem como é “no funcionamento da linguagem que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.” (ORLANDI, 2013, p. 21).

A linguagem neste contexto está ligada à relação existente que há entre a linguagem na comunicação e na não comunicação; e, nesta relação entre sujeito-sentido-efeitos, é que irá definir o discurso que, segundo Pêcheux, é o efeito de sentidos entre interlocutores.

2.1 Sujeito-sentido-efeito

Orlandi afirma ser muito útil para os analistas os tipos de discurso, embora não sejam o ponto central nos estudos discursivos. No entanto, de forma esclarecedora algumas formas comuns de discursos “reflete as distinções institucionais e suas normas” (ORLANDI, 2013, p. 85), assim, além da existência da tipologia dos discursos, o discurso possui suas variáveis e podem existir diferenças na sua tipologia entre as disciplinas entre outras diferenças que iram se ramificar em “tipos, subtipos e variedades” (ORLANDI, 2013, p. 85). Sob essa premissa, tem-se:

O discurso político, o jurídico, o religioso, o jornalístico, o pedagogo o médico, o científico. (...) variáveis: o terapêutico, o místico, a didática etc. (...) diferença entre as disciplinas (...) : o discurso histórico, sociólogo, antropológico, o biológico o da física etc. Diferenças relativas de estilos (barroco, renascentista etc.), a gêneros (narrativa, descrição dissertação), (...) e assim por diante. (ORLANDI, 2013, p. 85)

De fato, o que interessa para o analista são as “propriedades internas ao processo discursivo: condições, remissão a formações discursivas, modo de funcionamento” (ORLANDI, 2013, p. 86). Não é tarefa fácil saber como um discurso funciona, para isto é necessário que tenha um ponto de vista de “um duplo jogo da memória” (ORLANDI, 2013, p. 10), que se divide em memória institucional e memória constituída pelo esquecimento. Esquecimento este que se divide em esquecimento número 2, conforme elucidado por Pêcheux.

Em chamar esquecimento nº 2 ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia formulá-lo na formação discursiva considerada. (PÊCHEUX, 2009, p. 161).

E, em seguida, corroborado por Orlandi:

O esquecimento número dois, que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não outra e, ao longo de nosso dizer, forma-se famílias parafrásticas, que indicam que o dizer sempre podia ser outro. (...) essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo (...) (ORLANDI, 2013, p. 235).

Prosseguindo com a definição dos esquecimentos há o esquecimento número 1 que para Pêcheux:

Que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o esquecimento n.º 1 remete, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que- como vimos esse exterior determina a formação discursiva em questão. (PÊCHEUX, 2009, p. 162).

Novamente ratificado por Orlandi:

(...) o esquecimento número um, também chamado de esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos, na realidade, retomamos sentidos preexistentes (ORLANDI, 2013, p. 35).

Assim, as condições de produção funcionam de acordo com alguns fatores que são: a noção de sentido, “esta noção não há discurso que se relacione com outros” (ORLANDI, 2013, p. 39) ; e quando se fala sempre relacionando todos os dizeres “imaginados e possíveis” (ORLANDI, 2013, p. 39) isto porque o sentido, de certa forma, possui uma história e funciona “segundo as condições de produção da linguagem” (ORLANDI, 2012, p. 56) ; outro fator é o mecanismo de antecipação, onde “todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de se colocar no lugar em que o seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras” (ORLANDI, 2013, p. 39) ; enfim a relação de força, “essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2013, p. 39).

Desse modo, todos os mecanismos citados estão repousando, “no que chamamos de formações imaginárias” (ORLANDI, 2013, p. 40). Portanto, nos sujeitos físicos, os profissionais, inscritos na sociedade em que suas imagens “resultam de suas projeções” (ORLANDI, 2013, p. 40).

A imagem da posição do sujeito locutor (quem sou para que lhe fale assim?), mas também da posição do sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?) (...). E se fazermos intervir a antecipação ente jogo fica ainda mais complexo, pois incluirá: a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante (ORLANDI, 2013, p. 40).

Diante do que foi dito por Orlandi, pode-se notar que neste processo discursivo há segundo Pêcheux: “Uma série de formações imaginárias que designa o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1997, p.

82). Já a noção de “sujeito” (PÊCHEUX, 2009, p. 146) é complexa para a Análise de Discurso sendo que para compreendê-la se recai nos mesmos estudos filosóficos, sociais e ideológicos.

Desta forma, o indivíduo “é interpelado em sujeito pela ideologia para que ele produza seu dizer” (ORLANDI, 2012, p. 46). A “ideologia faz parte, ou melhor, é a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2013, p. 46). A indivíduo como “sujeito” (idem, 2009, p. 146) tem a ilusão de ser realmente a origem daquilo que produz “sob a evidência de que ‘eu sou realmente eu’.” (PÊCHEUX, 2009, p. 146). Pode-se categorizar aquele sujeito físico concreto como sujeito jurídico.

Por este motivo que a ideologia neste contexto da concepção do “sujeito” (PÊCHEUX, 2009, p. 146) fornece evidências de que a pessoa não é este sujeito jurídico, pois através deste todo complexo ideológico faz retomar, em todo momento, aquela forma que identifica a pessoa na relação com o outro através do processo discursivo.

Por isso, é necessária uma teoria que seja “materialista do discurso- uma teoria não subjetivista da subjetividade- em que possa trabalhar esse efeito de evidência dos sujeitos e dos sentidos”(ORLANDI, 2013, p. 46). Pensando que sempre se é sujeito e apagado como indivíduo pela interpelação da ideologia, pois é através desta interpelação que o sujeito fica submisso à língua. Pode-se perceber que são essas evidências que propiciarão “a realidade como sistema de significação percebidas, experimentadas” (ORLANDI, 2012, p. 47). Evidências essas que retoma os “esquecimentos”, mencionados anteriormente no presente estudo.

Portanto, concebendo a língua subjetivamente onde o sujeito não tem controle do que fala. Esta subjetividade é de significativa importância para a Análise de Discurso, já que é, por meio desta que, Michel Pêcheux extraindo da tese de Althusser que “a ideologia interpela os indivíduos como sujeito” (ALTHUSSER, 1970, p. 93) e “Só existe ideologia para sujeitos concretos, e esta destinação da ideologia só é possível pelo sujeito: entenda-se, pela categoria de sujeito e pelo seu funcionamento. ” (ALTHUSSER, 1970, p. 93).

Desta forma, Althusser observa o sujeito concretamente, sendo que existe uma relação de assujeitamento² entre a ideologia e o sujeito, sendo que este assujeitamento se dá por intermédio das instituições, as quais submetem às sociedades a divisão de classes.

² “ (...) o assujeitamento é a própria possibilidade de se ser sujeito. Essa é a contradição que o constitui: ele está sujeito à (língua) para ser sujeito de (o que diz)” (ORLANDI, 2015, p.22).

2.3 Formação discursiva

É necessário, por mais que seja polêmico, definir a noção de formação discursiva para Análise de discurso, sendo que sua relação com a ideologia “dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso” (ORLANDI, 2013, p. 43).

Portanto, a formação discursiva: “Se define como aquilo numa formação ideologia dada- ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2013, p.43). E ainda é equivalente afirmar que de acordo com as palavras de Michel Pêcheux:

As palavras, expressões proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas (...) e aplicando ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (PÊCHEU 2009, p. 147)

Em face disso, afirma-se que não há formação discursiva sem ideologia, pois é nesta que se vai determinar o que o sujeito pode dizer, a depender da posição em que o sujeito esteja inserido em uma determinada sociedade. Para Pêcheux, as palavras irão adquirir sentidos diferentes de acordo sua formação discursiva. Assim quando os sujeitos são “interpelados” acreditam ser a origem do discurso (PÊCHEU 2009, p. 147).

Contudo, “uma palavra ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria “próprio” (PÊCHEU 2009, p. 147). Por isto se tem a ilusão de ser a origem do que foi dito, mais, no entanto, repete-se dizeres que já foram ditos muito antes da pessoa ser inserida em uma dada formação discursiva. Neste processo de construção de dizeres, as palavras podem mudar de sentido “no interior de uma formação discursiva” (PÊCHEU 2009, p. 148). Este processo de construção de dizeres passa a “designar o sistema de relações de substituições, paráfrases e sinonímia etc. (...)” (PÊCHEU 2009, p. 148).

Neste processo de construção de dizeres, as palavras podem mudar de sentido “no interior de uma formação discursiva” (PÊCHEU 2009, p. 148). Meio a este processo de construção de dizeres assim passando “designar o sistema de relações de substituições, paráfrases e sinonímia etc. (...)” (PÊCHEU 2009, p. 148).

2.4 Ideologia e formação ideológica

Outro conceito de suma importância para a Análise de Discurso refere-se à ideologia, e por ser tão complexa sua conceituação, faz-se necessário explicitar diretamente seu significado. Tafarello e Rodrigues afirmam que para Eagleton: “que ‘o termo ideologia’ é apenas uma maneira conveniente de classificar em uma única categoria uma porção de coisa que fazemos com os signos” (TAFARELLO; RODRIGUES, 2013, p. 160) ou ainda apenas estudar as ideias. Essas ideias e as práticas sociais, mais tarde, irão se materializar no discurso e serão reproduzidas através dos aparelhos ideológicos do Estado.

O sujeito e a sociedade neste caso (ideológico) não é leal, reto e obediente as ideias instituídas nos espaços sociais, no entanto, cabe enfatizar que nem toda prática social é contraditória, tendo em vista que o mundo também neste caso não é objetivo e claro pois todo “espaço social” é, em certa medida, simbólico.

As categorias (ideias) que vêm determinar aquilo que um sujeito pensa sobre si mesmo, sobre as pessoas, e “sobre tudo aquilo a que é implícita ou explicitamente são atribuídos valores” (GUARESCHI, 1987, p. 17), que serão reproduzidos na forma de objeto. No entanto, as ideias não surgem de um dia para outro, por isso se diz que as ideologias surgem de grandes pensadores, mas determinada de acordo com o nível econômico. Eagleton conclui em suas primeiras reflexões que “o primeiro sentido de ideologia é pejorativo; o segundo já é neutro, ambos têm seus empregos.” (EAGLETON apud TAFARELLO; RODRIGUES, 2013, p. 161) e também que a ideologia:

É um discurso primário, servindo ao vários sentidos e conteúdo, propósitos discursivos, por isso, as relações entre o discurso e ideologia são complexas porque estão imbuídas das relações dominado/dominador, oprimido/opressor, sendo uma disputa histórica socialmente situada. (TAFARELLO; RODRIGUES, 2013, p. 161).

Desta forma, pode-se dizer que a ideologia transmite significados e representações de determinados grupos: políticos, jurídicos, entre outros. Se pensar a história, levará a entender como os sujeitos se inserem em um plano psicológico na sociedade. Ao se expor a ideologia se vê que esta se encontra vinculada à história com a língua, “na medida em que esta significa” (ORLANDI, 2013, p. 96). Pensando assim, a ideologia procura mascarar a materialidade da língua que, segundo Pêcheux, caberá à ideologia fornecer:

As evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascarem, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 2009, p. 146).

Por outro lado, se tudo é ideologia, pode-se considerar que essas ideologias são regionalizadas em uma determinada forma ou “formação ideológica” (PÊCHEUX, 2009, p.135). Ela determina o que se deve fazer, pensar em “relações de desigualdade-subordinações entre os diferentes aparelhos ideológico” (PÊCHEUX, 2009, p. 133).

Quando se fala em interpelação se quer dizer: a) O discurso não nasce no sujeito; b) O discurso atravessa e constitui o sujeito. Desta forma, a ideologia está entre as relações de produção e o homem. Isto quer dizer, se nada nasce na pessoa, possui-se a ilusão de que produz os próprios discursos. No entanto, o homem apenas se reproduz os discursos através do seu inconsciente.

Como ideologia e inconsciente é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo tecidos de evidências “*subjetivas*”, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais constitui o sujeito” (PÊCHEUX, 2009, p. 139).

Neste contexto, o homem não toma conta da sua própria história sendo que ela faz parte da sua natureza que se dá através das lutas das classes e neste entremeio dos aparelhos ideológicos do estado, ideologia entre outros é que iremos identificar cada “formação ideológica” (PÊCHEUX, p.139, 2009).

2.5 Paráfrase e Polissemia

Nós sempre estamos reproduzindo e significando nossos dizeres, pelo fato, de que os sentidos existentes nas palavras derivam das suas próprias condições de produção. Desta forma não existe sentido único, porque todo objeto do mundo é simbólico segundo Orlandi.

Neste sentido, qualquer palavra pode adquirir sentidos diferentes dentro de uma formação discursiva ou em uma determinada condição de produção, pois a língua esta sempre em movimento e em um determinado momento esta falha leva o “sujeito” (Pecheux,2009) “ao equivoco e a ideologia” (Orlandi,2013, pg.37) significando e se significando nos discursos.

Enquanto na “paráfrase” (Orlandi, 2013, pg.36) os sujeitos produzem discursos que retomam outros dizeres significando-os de várias formas mais produzindo os mesmos sentidos. Na polissemia (Orlandi, 2013, p. 36) o que observamos segundo Orlandi é um “deslocamento, ruptura de processos de significação (Orlandi, 2013, p. 36).

É através desses dois conceitos a paráfrase e a polissemia que observamos uma tensão discursiva “entre o mesmo e o diferente” (Orlandi, 2013, p. 36) que sempre faz com que os “sujeitos” (PÊCHEUX, 2009, p. 146) retome palavras remetendo à sentidos existentes e ressignificando-as.

E é, pela distinção da “criatividade e da produtividade” (Orlandi, 2013, p. 37) que faz com que seja produzido uma “variedade do mesmo” (Orlandi, 2013, p. 37) através da produtividade: “implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua” (Orlandi, 2013, p. 37).

3. Uma questão de método

Conforme abordado, é importante compreender como o discurso funciona ao ser articulado pelos “sujeitos” (PÊCHEUX, 2009), por isso, é tão importante os elementos ideológicos que atravessam a sua produção. Desta forma, este artigo faz parte de uma pesquisa realizada com o intuito de analisar os discursos dos professores do Ensino Médio de escolas estaduais da cidade de Alto Araguaia, Mato Grosso, por intermédio de dados coletados em questionários com perguntas discursivas, as quais, em seguida, foram agrupadas formando o *corpus* desta pesquisa. *Corpus* este, que já foi delimitado por este autor, ao lançarmos o olhar para o discurso, onde ao ser analisado já produzia questionamentos que serão analisados através do posicionamento diante do objeto que antes foi levado a esquematizar dentro de “posições ideológicas colocadas em jogo” (ORLANDI, 2013, p. 43).

Depois de ilustrados os objetivos, revelou-se primordial a formulação de uma hipótese acerca dos discursos articulados pelo “sujeito” (PÊCHEUX, 2009) entrevistado. Sendo que esta hipótese levou à percepção de já tê-la ouvido ou de tudo aquilo já ter sido dito antes, sendo isto resultado de que “há uma relação entre o já dito e o que se está dizendo que é o que existe entre o interdiscurso” (ORLANDI, 2013, p. 32). E também porque quando se fala filia-se “a redes de sentidos, mas não aprendemos como falá-lo ficando ao sabor da ideologia e do inconsistente” (ORLANDI, 2013, p. 34).

Deste modo, ao se analisar o objeto deste trabalho, este autor deparou-se com diversos problemas que fizeram tematizar todo o trabalho. A escolha de um método para pesquisa neste processo tornou o trabalho como analista (ao se falar neste trabalho o que há na Análise de Discurso) ainda mais complexa, pois como muitos sabem, a Análise de Discurso ainda “não possui uma metodologia específica” (RODRIGUES, 2010, p. 73) conseqüentemente isto causou as questões dos segmentos que serão apontados através do método escolhido aqui, pode-se:

assim, considerar que a proposta metodológica é uma construção do analista que possui como princípio norteador colocar questões e a problematização no confronto com os dados, o que leva a considerar a possibilidade de abstração metodológica como resultado analítico. Em face dessa problematização surge a “entrada” do analista na “descoberta” e na “construção” da metodologia. Nesse sentido, a AD rompe com análises estruturais e deixa ao analista a sua capacidade de lidar com os dados e a habilidade teórica (ORLANDI, 2013, p. 67).

Algumas questões são levantadas diante deste processo de escolha do método, em que desloca o pesquisador de uma posição empírica para uma posição neutra. Sob essa visão, pressupõe-se que um pesquisador antes de iniciar seu trabalho tenha total ou considerável domínio do objeto a ser analisado.

Evidente, que nem, toda pesquisa ou teoria seja, autônoma em sua construção metodológica, por este motivo faz-se necessário determinar a importância do objeto do estudo em questão através da construção do “dispositivo analítico” (ORLANDI, 2013, p. 27), para que os resultados obtidos da pesquisa não fiquem à deriva de leituras equivocadas.

Neste processo, pode-se perceber a existência de um laço entre a pesquisa e o processo metodológico acentuando o quanto é relevante para o pesquisador, enquanto analista, o direcionamento neutro que irá recair sobre seu olhar durante a análise.

Entretanto, neste caso, em particular, inicia-se a reflexão quanto ao método e o objeto. De acordo com Orlandi, há uma relação intrínseca entre o objeto e a metodologia, pois ao mesmo tempo em que se define o objeto: “através da metodologia, nos comprometemos (...) com uma teoria e com um corpo de definições, de acordo com os quais produzimos correspondentes técnicas de análise” (ORLANDI, 2013, p. 18). Segundo Rodrigues, uma análise geralmente se divide em três momentos:

num primeiro momento, inicia-se já no recorte dos enunciados; num segundo momento, temos a classificação dos discursos; já no terceiro momento, temos a confrontação das questões principais da dissertação (objetivos e problemáticas) em relação ao discurso a ser analisado, é um momento lento que depende de duas questões básicas: a primeira diz respeito à “habilidade” (ORLANDI, 1999) com que o analista trabalha as teorias e, a segunda, ao nível de conhecimento

técnico ou de mundo que o analista possui sobre o “tema”, isso de acordo com o tipo de análise que se pretende (RODRIGUES, 2011, p. 70).

Desta forma, procura-se, através do método, propriedades históricas existentes no objeto estabelecendo uma concepção da linguagem “como trabalho, como produção” (ORLANDI, 2013, p. 20) quanto ao modo de reprodução ideológica no meio social, pois “o discurso é um objeto histórico social, cuja especificidade está em sua materialidade, que é linguística” (ORLANDI, 2013, p. 21). O objeto neste caso existe, dependendo da forma em que os analistas olham para ele, inclusive este autor, sem que seja afetado sobre a pesquisa em questão. Tentou-se, portanto, uma simetria existente entre o objeto que, de certo modo, é simbólico e, segundo Orlandi, marcado pela sua incompletude.

Dito isto apresentaremos em seguida, o dispositivo analítico que constitui deste pesquisador. Esta pesquisa se constitui de um questionário de dezoito perguntas que foram respondidas discursivamente pelos professores do ensino médio das escolas Estaduais do Município de Alto Araguaia, Mato Grosso. Foi utilizado um gravador de mp3 para captar as respostas discursivas dos professores e logo as respostas foram transcritas e enumeradas (algarismos romanos) constituindo posteriormente o *corpus* desta pesquisa. A partir deste momento foi necessário seguir alguns procedimentos que nos permitiu construir um dispositivo analítico que seguiu a configuração:

- a) Foram selecionados recortes do *corpus* que possuíam relação com o objetivo geral e objetivos específicos desta dissertação;
- b) Em seguida, enomearam-se as entrevistas a fim de identificar os sujeitos entrevistados, que foram enumerados e identificados;
- c) Depois, foram constituídos os recortes discursivos do *corpus*, mais uma vez, reagruparam-se os recortes retirados do *corpus* e identificamos cada recorte;
- d) Tendo sido realizados os procedimentos, determinou-se os dados da análise;
- e) Em seguida, recortou-se novamente os enunciados estabelecidos nos dados da análise, agrupando-os de forma que cada agrupamento estabelecesse sentidos com o objetivo e os objetivos específicos a serem analisados;
- f) Renumerou-se de novo cada enunciado que foram agrupados em sua disposição discursiva. Uma vez agrupados os dados da análise, procurou-se analisar os discursos em relação com “o real sentido em sua materialidade linguística e história” (ORLANDI, 2012, p. 59);

- g) A partir dos recortes dos enunciados, operou-se a análise de acordo com as disposições estabelecidas em cada uma, e, se necessário retornando aos agrupamentos de recortes, considerando as relações de sentidos constituídas na análise;
- h) Foram inseridos os recortes dos enunciados selecionados, articulando os recortes com a análise em questão causando efeito de sentidos a fim de se compreender melhor a posição sócio-histórica dos sujeitos analisados;
- i) Foi analisada a formação discursiva dos sujeitos, procurando identificar como se constitui discursivamente sua identidade nos espaços onde ocorre;
- j) Foram analisadas as condições de produção dos enunciados abrangendo o que, de certa forma, institucionaliza, materializada nesses sujeitos através do mecanismo imaginário;
- k) Analisou-se a formação discursiva destes sujeitos “compreendendo os processos de sentidos, a sua relação com a ideologia” (ORLANDI, 2012, p. 43) procurando, portanto, identificar as formações ideológicas que constitui esses sujeitos;
- l) Foram feitas as análises que estabeleciam relação com os objetivos da pesquisa, contemplando a “progressão e transformação” de sentidos considerando a sua materialidade” (RODRIGUES, 2010, p. 78) em que tangem as formações identitárias e ideológicas dos sujeitos.

4. Considerações finais

Após ter construído o processo metodológico que constitui este “dispositivo analítico” (Orlandi, 2013, p. 61) com a finalidade de atender ao objetivo de abordar a teoria e o método neste artigo. Observamos em consideração sobre o objetivo geral e os objetivos específicos elencando nas considerações os resultados obtidos durante a proposta o resultado deste procedimento metodológico utilizado pareceu ser satisfatório, sob os domínios da Análise de discurso na constituição da pesquisa. Desse modo, foi possível estabelecer uma relação entre os objetivos geral e específicos, analisar os discursos quanto suas formações ideológicas e as formações que o constituem como sujeito.

REFERÊNCIAS :



EDIÇÃO Nº 19 JANEIRO DE 2017
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 20/10/2016
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2016

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Presença, 1970.
- ALTUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 2003.
- BORTONI, R. S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GUARESCHI, P. A. **Sociologia crítica: alternativas de mudança**. 52. Edição. Porto Alegre: EdiPuc-RS, 2002.
- MARCONDES, D. **Textos Básicos de Linguagem De Platão a Foucault**. Cidade: Editora Zahar, 2010.
- MARTELOTTA, M. E. (Org.) **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- MUSSALIM, Fernanda (Org.) ; BENTES, Anna Christina (Org.) . **Introdução à linguística: domínios e fronteiras – volume 1**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- ORLANDI, E. P. Análise de discurso. In: Orlandi, E.; LAGAZZI, S. (Orgs.) **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso – princípios e procedimentos**. 11. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2013.
- PÊCHEUX, M. **Papel da memória**. In: Achard, P. *et al. Papel da memória* (Nunes, J.H., Trad. e Intr.). Campinas: Pontes, 2015.p.43-51.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso, uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, M. [1969]. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.
- MALDIDIER, Denise. **A inquietação do Discurso – (Re) Ler Michel Pêcheux Hoje**; tradução Eni Orlandi. Campinas, Ed. Pontes. 2003.
- RODRIGUES, M. L.; TAFARELLO, P. C. Ideologia e Linguagem. In: MORALIS, E. G. et al. (Org.).**Linguagem, comunicação e cultura**. Campinas: Editora RG, 2013.
- RODRIGUES, M. L. (Org.). **Linguagem identidade gênero história**. Rio de Janeiro: Litteris Ed./Quártica Premium, 2011.



EDIÇÃO Nº 19 JANEIRO DE 2017
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 20/10/2016
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2016

RODRIGUES, M. L. Discurso e Metodologia: tensão na análise. **Interface da Educação**, n. 66, p. 82, 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed., São Paulo: Editora Cultrix, 2006.